

Histeria e psicanálise depois de Freud



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO FERREIRA COSTA

EDITORIA  
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

EDUARDO DELGADO ASSAD – JOSÉ A. R. GONTIJO

JOSÉ ROBERTO ZAN – MARCELO KNOBEL

SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

Gustavo Adolfo Ramos

HISTERIA E PSICANÁLISE  
DEPOIS DE FREUD

EDITORAL UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

---

R147h	Ramos, Gustavo Adolfo. Histeria e psicanálise depois de Freud / Gustavo Adolfo Ramos. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
	1. Psicanálise. 2. Psicanálise – História. 3. Histeria. 4. Psicopatologia. 5. Psicologia clínica. I. Título.
	CDD 616.8917 616.891709 616.852 616.8582 157.9
ISBN 978-85-268-0824-9	

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise	616.8917
2. Psicanálise – História	616.891709
3. Histeria	616.852
4. Psicopatologia	616.8582
5. Psicologia clínica	157.9

Copyright © by Gustavo Adolfo Ramos  
Copyright © 2008 by Editora da UNICAMP

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da UNICAMP  
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus UNICAMP  
Caixa Postal 6074 – Barão Geraldo  
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728  
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

## *Agradecimentos*

A produção deste texto foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pelo Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), através de investimento em pesquisa.

Agradeço às professoras Marly Lamb e Elizabeth Lima que, como chefe e vice-chefe de departamento, respectivamente, não mediram esforços para fazer com que a UEM cumprisse o seu dever e participasse mais efetivamente na realização deste trabalho, através de recursos econômicos.

Agradeço também à minha colega, professora Marli Sanchez, pelo apoio dado à luta por verbas e recursos, sem os quais não poderia ter iniciado o presente trabalho.

Agradeço à professora doutora Viviana Carola Velasco Martinez, que co-coordenou o grupo de pesquisa — o contexto do trabalho.

Agradeço aos participantes do grupo (por estarem nele): professora Gláucia Valéria Pinheiro de Brida, Francielle Gonzales Correia Gomes, Edílson Freri Costa, Manuela Carolina Ferreira Lima, Ana Paula Moreira, Luciana Mara Finger, Telry Shodyi Nakamura, Maurício Cardoso da Silva Jr., Janaína Francielle Camargo, Laís Lopes Zimback, Fernanda Souza da Silveira, Kenia Repiso Campanholo, Mariana Akemi Suzuki e Fabrício Otoboni dos Santos.



Rien n'est jamais acquis à l'homme Ni sa force  
Ni sa faiblesse ni son coeur Et quand il croit  
Ouvrir ses bras son ombre est celle d'une croix  
Et quand il croit serrer son bonheur il le broie  
Sa vie est un étrange et douloureux divorce

LOUIS ARAGÓN, *La Diane française*, 1946





## SUMÁRIO

PREFÁCIO AO LEITOR.....	11
1 PROPOSTA.....	17
1 <i>Um pouco de história</i> .....	20
2 <i>O que vamos ver</i> .....	53
2 VOLTANDO NO TEMPO: ANOS 1930.....	57
1 <i>Psicanálise</i> .....	69
3 ERA DE GRANDES REVISÕES: ANOS 1950, 1960, 1970 E 1980.....	71
1 <i>Relações objetais</i> .....	73
2 <i>Retrocedendo ao erotismo oral</i> .....	85
3 <i>Comparações...</i> .....	95
4 <i>Personalidade histérica</i> .....	98
5 <i>Boas e más meninas</i> .....	111
6 <i>Em busca de uma síntese — A reunião de 1973</i> .....	117
7 <i>Doença de expressão, de volta à linguagem</i> .....	143
8 <i>A querela dos diagnósticos: fins dos anos 1970</i> .....	148
9 <i>Borderline, síndrome de Briquet e depressão</i> .....	149

10	<i>Crítica ao “minimalismo” diagnóstico — Questão de gosto?</i> .....	154
11	<i>Campo laciano e o gozo da insatisfação</i> .....	165
12	<i>Anos 1980 e dois congressos</i> .....	174
13	<i>Histeria normal, histeria patológica e o louvor à transgressão</i> .....	200
14	<i>Histeria adjetiva, transferência- contratransferência: a desessencialização da doença mental</i> .....	204
4	<b>NOVAS SÍNTESES: DE 1990 AOS DIAS ATUAIS</b> .....	211
1	<i>Uma matriz: gênero e sexualidade</i> .....	212
2	<i>Triangulações e unidade</i> .....	232
3	<i>Anos pós-modernos e histeroparanóia</i> .....	239
5	<b>MOMENTO DE TERMINAR</b> .....	249
1	<i>Teoria da sedução generalizada, a falta e o excesso</i> .....	250
2	<i>Defesa, sintoma e fãntasma</i> .....	265
3	<i>Genital, pré-genital; pulsão parcial e esforço de tradução</i> .....	294
	<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	301

## PREFÁCIO AO LEITOR

*Viviana Carola Velasco Martínez\**

Em *Estudos sobre a histeria*, ao sistematizar seu conhecimento sobre a histeria, sabemos, Freud começa a apresentar-nos os fundamentos da psicanálise. Mais de cem anos depois, podemos considerar que o livro de Ramos, *Histeria e psicanálise depois de Freud*, nos permite conhecer não somente *outros estudos sobre a histeria*, mas também propõe uma teoria para a clínica.

No entanto, para além de uma rigorosa revisão sobre as idéias em torno da histeria, o que o autor nos apresenta, no seu último capítulo, é a idéia de um luto para a histeria.

Um luto que, digamos, permanente e inconcluso, presentifica um objeto perdido. Porém, refere-se a um objeto caracterizado por tudo aquilo que ele comunica inconscientemente da sexualidade dentro de uma assimetria traumática. Trata-se de mensagens enigmáticas do adulto dirigidas à criança — temos aí a teoria de Laplanche —, mas que ela não consegue traduzir, fazendo dessa

---

\* Doutora em psicologia clínica, pelo Núcleo de Psicanálise, PUC-SP.

tentativa uma tarefa impossível ao longo da sua vida. E, no caso de perda, o enigmático estará naquilo que comunica do negativo, da ausência, da rejeição e da frustração, afirma o autor, e sua tentativa fracassada de decifração, sempre do lado infantil do receptor, poderá levar à patologia, à histeria. Temos, então, não apenas uma perda e um processo de luto sempre inconcluso — o que nos remeteria ao luto na melancolia — mas, principalmente, um luto que tenta, através da exacerbação da sexualidade, dar conta do traumático.

Assim, Ramos indica-nos que o cerne do tratamento, na histeria, está em torno do luto, porque ele não só simboliza a perda, mas também remete o analista para o objeto e sua mensagem. É muito interessante seguir o caminho que nos leva à idéia de perdas e de luto na histeria.

Teço aqui alguns comentários que não necessariamente estão em Ramos, mas que para aí convergem.

A leitura de artigos de Berliner, “The psychogenesis of a fatal organic disease” (1938); de Cuevas, “Some changes observed in a clinical case” (1992), e de Ostow, “The struggle against depression” (1966), permite-nos traçar uma linha de seqüência entre as perdas e a depressão na histeria a partir da idéia de defesa, principalmente no sentido de marcar a distância necessária em relação aos fantasmas edípicos e de castração que se entrelaçam às perdas.

O conflito em torno da feminilidade e da histeria também diz respeito a perdas. Fessler, em “The psychopathology of climateric depression” (1950), fala-nos de uma histeria no climatério, diante da perda da capacidade de procriar, mas como anteparo de uma outra perda: da satisfação do desejo de ter um filho do pai, desejo sempre atualizado como potência de gerar um filho, que se perde nos anos de maturidade. Eis aqui para onde converge a idéia de Ramos, da mensagem enigmática e do luto na histeria.

Por outro lado, temos os argumentos que colocam em paralelo os atributos femininos e a histeria, como se fosse, esta últi-

ma, inerente à feminilidade. E em torno da feminilidade teremos fundamentalmente uma perda causadora da inveja e traduzida na castração; temos aí a insatisfação característica da histeria. De tal maneira que podemos pensar que, se a histeria é um atributo da feminilidade e esta traz, por natureza, uma perda, ela, a histeria, inscreve-se numa história dos primórdios, quando foi necessária não somente uma renúncia à satisfação libidinal imediata, mas também uma renúncia ao falo, que a cultura faz significar como símbolo de potência.

Finalmente, podemos estender a idéia de histeria para além da feminilidade e pensar nas perdas sofridas dentro do contexto da própria cultura. Em *Neuroses de transferência; uma síntese* (1987), Freud considera que o psiquismo nasce como defesa contra a angústia experimentada diante de uma catástrofe. A histeria teria sido a primeira idade psicopatológica da humanidade, pois, como necessidade civilizatória, o ser humano perdeu a satisfação libidinal imediata. É dessa maneira que a nossa humanidade estaria caracterizada pela histeria.

É assim que vemos a atualidade, que talvez nunca se esgote, da discussão sobre a histeria...

Ramos traz, em seu livro, o resultado de pesquisa realizada durante três anos com uma equipe de colaboradores, entre os quais me encontro; e contou com um levantamento de mais de 800 resumos e 200 artigos completos, todos eles indexados pela Associação Americana de Psicologia (APA), de maneira que foi possível conhecer algo da produção depois de Freud, em francês, inglês, alemão, espanhol e português.

O que vamos encontrar no livro nos surpreende. São grandes modificações, tanto nas representações da histeria, quanto, possivelmente, nos próprios quadros que se apresentaram nos consultórios no decorrer do último século. Assim, para alguns autores, a histeria modificou-se e aparece hoje na forma de distúrbios

alimentares, por exemplo; para outros, ela está desaparecendo, dando lugar a quadros mais graves, como os quadros *borderline*. É também acalorado o debate sobre o ponto de fixação libidinal e a constituição do eu. Então, surge a pergunta: será realmente o complexo de Édipo o núcleo da histeria ou haveria algo ainda mais precoce? Embora ambos os argumentos já sejam encontrados na obra de Freud, Ramos mostra-nos que os autores priorizam ora um, ora outro.

Ramos também nos fala de uma volta à discussão do trauma de sedução, como etiologia da histeria, e um grande debate para condenar ou inocentar Freud pelo suposto abandono da sua teoria. Da mesma maneira, vemos acontecer um intenso debate de idéias em torno da depressão na histeria.

Mas, mais que isso, encontramos, no livro de Ramos, a possibilidade de recuperar a memória do próprio movimento do pensamento psicanalítico no tempo. Nos anos 1950, por exemplo, Ramos assinala o aparecimento, em psicanálise, da idéia de revisão que, nesse caso, quereria dizer “revolução”. É assim que vemos aparecer as idéias de Leo Rangell (1959), que fala literalmente em revisar a psicanálise, ao discutir a proposta de que a conversão não é um direito exclusivo da histeria. Do mesmo modo, Judd Marmor (1953) vai criticar Reich e Fenichel e propor uma origem oral para a histeria.

Essa tendência, por sua vez, também parece justificar todo um movimento de revisões dos casos de Freud e de outros autores, por isso damos de encontro com a formulação de novos diagnósticos para Dora, Emmy, Ana O., Katarina...

Nos anos 1960 e 1970 avalia-se a histeria e formulam-se novos conceitos, tais como caráter histérico, personalidade histérica, personalidade histriônica, neurose de caráter histérico, paciente histeróide e outras. Já nos anos 1980, o autor apresenta-nos uma síntese da produção sobre a histeria, a partir de dois eventos orga-

nizados conjuntamente, um na França, outro em Portugal, onde se discute exclusivamente sobre a histeria na atualidade, e tem lugar a publicação de dois números da *Revue Française de Psychanalyse* (1985, 1986). Três grandes temas em torno da histeria são destacados nesses eventos por Roux, uma das participantes: o nosográfico, o metapsicológico e a relação entre histeria e depressão.

Ramos também aponta, nesses anos 1980, um forte movimento de despsiquiatrização da psicanálise, ao contrário dos anos 1950, quando a ênfase era colocada no par analítico. A constratransferência tomou, assim, grande importância para o diagnóstico.

Esses movimentos, ora de forte influência da psiquiatria, ora de recuperação da especificidade da psicanálise, predominaram no cenário psicanalítico internacional, o que também pode ser visto através das modificações nos manuais de diagnóstico DSM e CID, nos quais a histeria deu lugar a uma multiplicidade descritiva de quadros.

O que podemos ler no livro de Ramos sobre a histeria depois de Freud é um desdobramento intenso da psicanálise<sup>1</sup> em teorias, escolas e técnicas, assim como formulações e reformulações do dis-

---

1 Temos, na atualidade, uma diversidade de discursos mais e menos psicanalíticos, cuja proveniência podemos resumir assim: as escolas britânicas, com os grupos kleinianos e neo-kleinianos, as teorias da relação de objeto e os trabalhos da Hampstead Clinic de Londres. As escolas francesas da Sociedade Psicanalítica de Paris, da Associação Psicanalítica da França, os grupos lacanianos e o IV Grupo, Organização Psicanalítica da Língua Francesa. As escolas americanas como a psicologia do ego, o grupo de Nova Iorque, o grupo de Chicago, as escolas interpessoais, os culturalistas, os interpessoalistas, a psicologia do *self*, os intersubjetivistas e a divisão 39 e outras produções mais isoladas. Além disso, temos a produção latino-americana, que oscila entre uma criação relativamente própria, como foi o caso de *psicoanálisis argentino*, dos anos 1960 e 1970, proposto por Bleger e Pichon-Rivière, e uma produção muito colada ao que vem do exterior.

curso sobre a histeria. Como foi dito no início, o leitor vai também encontrar uma teoria para a histeria, própria do autor, calcada sobre a idéia de enigma do outro e de luto inacabado.

À leitura, pois.

### *Referências bibliográficas*

- BERLINER, B. "The psychogenesis of a fatal organic disease", *Psychoanalytic Quarterly*, vol. 7. Hillsdale: Analytic Press, 1938, pp. 368-79.
- CUEVAS, Pablo A. "Some changes observed in a clinical case", *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 73, nº 2. Londres: Instituto de Psicanálise, 1992, pp. 221-26.
- FESSLER, Laci. "The psychopathology of climateric depression", *Psychoanalytic Quarterly*, vol. 19. Hillsdale: Analytic Press, 1950, pp. 28-42.
- FREUD, S. *Neuroses de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago, 1987 [1915], manuscrito recém-descoberto.
- MARMOR, Judd. "Orality in the hysterical personality", *Journal of the American Psychoanalytical Association*, vol. 1. Hillsdale: Analytic Press, 1953, pp. 656-71.
- OSTOW, Mortimer. "The struggle against depression", *Canadian Psychiatric Association Journal*, vol. 11. Ottawa, 1966, pp. 193-207, suplemento.
- RANGELL, Leo. "The nature of conversion", *Journal of the American Psychoanalytical Association*, vol. 8, nºs 1-4. Hillsdale: Analytic Press, [1959], pp. 632-62.
- ROUX, Marie-Lise. "Présentation — On fait un enfant", *Revue Française de Psychanalyse*, vol. 50, nº 3. Paris: PUF, maio-jun., 1986, pp. 867-69.



## CAPÍTULO I

# PROPOSTA

*A psicanálise é um remédio para a ignorância.  
Ela é sem efeito para a estupidez.*

JACQUES LACAN

A idéia, aqui, é a de esboçar um panorama acerca do que se tem escrito sobre a histeria, em psicanálise, depois de Freud. Na verdade, trata-se de explorar que sentidos essa palavra-conceito tem tomado em meio às discussões psicanalíticas nos últimos 50 anos.

Essa é uma proposta ao mesmo tempo epistemológica e clínica. É clínica, porque diz respeito à discussão do uso de uma etiqueta nosológica como orientadora de diagnóstico e de tratamento. Ou, ainda, é clínica simplesmente porque diz respeito diretamente ao tratamento, à sua dinâmica e à sua problemática específica. Além disso, parte da clínica, da prática, do fato de que o uso dessa etiqueta e de sua(s) dinâmica(s) tem permitido tanto os diagnósticos, quanto a condução de tratamentos. Contudo, isso não ocorre sem problemas. O uso desse rótulo e de sua dinâmica não tem sido isento de polêmica.

É, também, uma proposta com características de pesquisa epistemológica, porque o que se tem em vista é examinar a psicanálise e a teoria psicanalítica em geral. Isso, aqui, é feito sob um certo olhar, aquele que lhe lançam os psicanalistas, e a partir de um certo re-

corde, o da histeria. Isto é, trata-se de fazer trabalhar, fazer mover a psicanálise a partir de um ângulo determinado. Esse ângulo poderia ser o conceito de inconsciente ou o de transferência. Fazer mover, no sentido aqui dado, diria respeito a tomar um desses conceitos e examiná-lo segundo diferentes autores e épocas. O resultado seria o de observar o próprio movimento da psicanálise como um todo em meio a esses discursos e a partir de um desses conceitos restritos. O ângulo que escolhi não é o do conceito teórico, mas o da neurose, especificamente o da histeria.

Essa escolha se dá pela importância prática mais imediata que tem o tema, mas não só. Sabe-se muito bem que a histeria esteve na fundação da psicanálise. *Estudos sobre a histeria* é o texto fundador e, como tudo que é fundador, trata-se de algo mítico, ou melhor, que, com o tempo, toma auras de mítico. Em psicanálise, ao menos no que diz respeito à narração de sua origem, a histeria é, portanto, um tema-mito. Pareceu-me, então, que seria muito interessante fazer seu exame hoje e, no lugar do mito, introduzir a polêmica e a incerteza.

A primeira idéia foi a de examinar a obra de Freud a partir de tudo ou quase tudo que ele disse sobre a histeria. Entretanto — e eis como surgiu a idéia definitiva do presente trabalho —, para começar as formulações, parti para um levantamento bibliográfico sobre o estado da questão (histeria e psicanálise). Isso foi feito através do *PsycInfo*, que é o banco de dados bibliográficos da Associação Americana de Psicologia (APA). Esse levantamento se mostrou tão rico, tão interessante, clinicamente tão útil e tão controverso que supus melhor limitar esta investigação a esse levantamento em si mesmo, apenas a ele. Isso porque esse conceito, o da histeria, permitiria lançar um olhar à psicanálise moderna, pós-Freud, e é isso, de fato, que passou a interessar-me então. Esse olhar permitiria confrontar-me com polêmicas, com variedade de escolas, com propostas diferentes sobre a direção do tratamento, com lutas con-

ceituais, com “voltas” a Freud e com afastamentos, com a oposição dinâmica *versus* nosologia e com a ainda tão atual oposição entre o ponto de vista pulsional e o ponto de vista do eu. E foi justamente isso que apareceu no decorrer do trabalho: o desfilar das escolas, tais como a psicologia do ego, a psicanálise das relações objetais, a psicanálise kleiniana, o lacanismo, o pós-lacanismo e o feminismo. Este último não é uma escola psicanalítica, evidentemente, mas tem uma produção relevante em psicanálise, através justamente da discussão da histeria e das relações de gênero.

Apareceram também discussões importantes, tais como aquela que está em torno do ponto de fixação pulsional capaz de produzir a histeria. Seria ele realmente fálico genital, edipiano ou mais primitivo que isso, talvez oral? O que comandaria a histeria? Um movimento cujo centro de irradiação seria realmente o complexo de Édipo, como queria Freud, ou algo mais precoce e mais fundamental? O que separaria uma neurose de uma psicose — já que os autores vêm proximidade da histeria com a esquizofrenia e com os estados *borderline*? O ponto de fixação libidinal ou a constituição do eu? E mais ainda: *a histeria existe?*

São essas e outras as polêmicas que irei acompanhar. Para situá-las, começo por um esboço de história.

Mas, é preciso dizer, não se trata de uma história rigorosa da histeria. Isso, na verdade, existe, do mesmo modo que existe um campo de saber bem determinado e produtivo, que é a história da psicanálise. Segundo Elaine Showalter (1998), há mesmo um campo de ciência que é a história da histeria. Showalter fala dos *New Hysterians*, que é um neologismo, compondo *hysteria* com *historians*, Nova História com Novas Histerias ou novas apresentações da histeria na nossa época.

Não se trata disso aqui. Não tenho nenhuma finalidade de historiador no sentido de técnica e ciência rigorosas, embora o lado histórico seja uma característica importante do presente tra-

balho. A finalidade, contudo, é a de discutir a histeria dentro da psicanálise.

Enfim, o esboço histórico que apresentarei em seguida não tem o rigor da ciência histórica. É apenas um esboço e fundamenta-se, em sua maior parte, no texto de outros autores e não em documentos e fontes primárias. Seu propósito é apenas dar partida, ou melhor, dar um contexto para essa partida.

### 1 *Um pouco de história*

A concepção de histeria parece estar presente já na Grécia Antiga e, como uma preocupação do homem de então, tornou-se de nosso conhecimento a partir da leitura que se fez de Hipócrates. Histeria vem de *hýstera*, que se traduz por útero ou matriz. Platão, que era relativamente contemporâneo de Hipócrates, escreveu este curioso trecho, que, apesar de longo, transcrevo:

No sexo feminino, o que se chama matriz ou útero é nelas como um ser vivo possuído pelo desejo de produzir filhos. Quando por longo tempo e apesar da época favorável, a matriz permaneceu estéril, ela se irrita perigosamente; agita-se em todos os sentidos dentro do corpo, obstrui as passagens do ar, impede a respiração, leva assim o corpo às piores angústias e ocasiona enfermidades de todo tipo. Isso dura até que o desejo e o amor dos sexos, então unidos, possam produzir um fruto, como as árvores, e semear a matriz, como num sulco, viventes invisíveis, pela sua pequenez, e ainda disformes, nos quais logo se podem distinguir partes, que podem ser alimentadas na matriz, fazê-los crescer e, finalmente, dar-lhes a luz e realizar a geração dos seres vivos. Dessa maneira, nasceram as mulheres e todo o sexo feminino. (Platão, 1986, p. 1.178)

É interessante que, para Helen King e para Edith Veith (apud Juliet Mitchel, 2003, pp. 8 e segs.), os sintomas da histeria hipo-